

BASTIDORES

Somos ricos, viva!

Na cerimónia de apresentação do futuro campus de Portimão, causou alguma estranheza a insistência do ministro da Educação na tecla de que o Algarve é das regiões mais ricas do país.

Isto mesmo depois de uns minutos antes, a reitora da Universidade ter assegurado que os ordenados mensais dos algarvios são cerca de 200 euros inferiores à média do país.

Mas, pronto, o ministro deve saber do que fala. Afinal, somos ricos e ninguém nos tinha informado.

Assim que terminou o discurso, o ambiente na sala (melhor dizendo, na tenda) ficou, de imediato, bem mais leve e muita gente saiu dali feliz da vida, desejosa de ir gastar à bruta uma parte da riqueza que o governante garantiu que têm.



Baldaram-se à universidade

Afinal, a conversa do ministro tinha água no bico.

Como, para construir aquele campus, o dinheiro comunitário que há não chega, foi uma forma de ir dizendo que é melhor esperarem sentados que o Governo abra os cordões à bolsa para isso.

Se a região é rica, que se amane, deve conseguir perfeitamente arranjar os trocados necessários sem ter de ir chatear o executivo.

Uma das formas de sensibilizar Fernando Alexandre seria ter ali em peso a fina flor algarvia, sobretudo a autárquica.

Mas, tirando o anfitrião e a presidente da Câmara de Vila do Bispo, todos os outros se baldaram à universidade.

Provavelmente, porque os presidentes das restantes câmaras do Barlavento acham que já são catedráticos na arte de dar música aos seus eleitores e não precisam do campus para nada.



O VAR ainda vai ter de intervir no jogo político de Lagos

Em Lagos, o PS e o PSD têm-se entretido com comunicados e troca de acusações.

Em causa está a proposta de atribuição de apoios financeiros aos clubes desportivos locais.

Os eleitos do PSD votaram contra alegando falta de transparência. O PS respondeu com um comunicado, qualificando os eleitos do partido rival de burocratas e falsos legalistas.

O mais recente capítulo desta saga veio dos social-democratas que garantem viver-se em Lagos uma autêntica lei da selva.

Depois de lidos, relidos e analisados todos os comunicados, chega-se à conclusão que os políticos falam – ou escrevem, neste caso – muito mas dizem pouco.

Tanta conversa para não exporem o essencial da história: afinal, qual foi o clube que recebeu mais do que devia?



Ouvi dizer.

Afinal, o PS tem cinco vereadores na Câmara de Lagoa!



Nas últimas autárquicas em Lagoa, o PS perdeu o quinto vereador, mas a julgar pelas fotografias oficiais, ninguém o diria.

Em quase todas as cerimónias e visitas políticas, ao lado dos quatro eleitos — Luís Encarnação, Ruben Palma, Ana Martins e Anabela Ribeiro —, surge invariavelmente um omnipresente "quinto elemento".

Trata-se de José Albino, o chefe de gabinete e verdadeiro braço direito do presidente. Capacidade de trabalho, de resolver 'problemas' e de aparecer em fotografias não lhe falta.

Ao contrário dos seus homólogos algarvios, que preferem a habitual invisibilidade dos bastidores, em Lagoa, o chefe de gabinete faz questão de partilhar os holofotes.

Fica a dúvida: será a força do hábito do PS em querer manter cinco rostos no executivo, um ensaio precoce para as autárquicas de 2029, ou apenas um novo conceito de gestão onde o chefe de gabinete tem estatuto de estrela pública?

Será?!

do nosso Algarve

O mistério dos jeans em Lagoa: O que queria Francisco Martins dizer ao poder político?

A entrega da nova viatura de combate a incêndios aos Bombeiros de Lagoa exigia - ou pelo menos sugeria - aos presentes fardas e fatos à altura da solenidade e importância da cerimónia.

Daí que todos tenham aparecido vestidos a rigor. Todos menos um: Francisco Martins, presidente da Associação Humanitária local e ex-autarca, quebrou o protocolo ao surgir de jeans e camisa, como quem vai apenas num instante ali ao café ou ao supermercado.

A indumentária descontraída abriu logo caminho a três leituras nos bastidores políticos.

A primeira aponta para o feito do próprio: o homem é avesso a formalismos, não há nada a fazer.

A segunda sugere um protesto subliminar: ao vestir-se de forma modesta, estaria a tentar passar a mensagem de que a corporação está pobre e precisa de mais apoio financeiro.

A terceira e mais mordaz interpretação vê no episódio um sinal de que tenta demarcar-se do sistema para preparar uma futura recandidatura, vestindo o 'fato' que mais lhe interessa, o de homem do povo.

